

Moradas eternas, morada dos vivos: um olhar sobre o culto dos mortos no cemitério da *Soledad* em Belém - Pará¹

Helio Figueiredo da Serra Netto (UFPA)

Jorge Oscar Santos Miranda (UFPA)

Jose Leandro Gomes de Souza (UFPA)

Ritual, Memória e Imagem

Ainda que a técnica se desenvolva ao seu mais alto nível a natureza nunca se desdobra ao homem, a morte em sua sutileza – ou sem nenhuma – sempre se faz presente e nos espreita em nossa caminhada diária, mas onde ela nos encontrará?

Em Belém do Pará, todas segundas-feiras, pessoas de diversos tipos – de classes, cor, idade e credos – peregrinam nos cemitérios da cidade em busca de graças, pagamento de promessas e oração no chamado “Culto das Almas”. Um evento do catolicismo popular com fortes características da religiosidade amazônica (MAUÉS. 1995), onde santos, caboclos, encantados e pessoas comuns se revestem de uma aura de sacralidade que transcende a materialidade e lança mão de uma relação que intermedia o mundo e o além-mundo.

Santos populares, exús, novenas e oferendas fazem parte deste tímido, mas não menos importante, acontecimento da cidade, e que encontra no famoso cemitério da *Soledad* uma importante expressão da relação das pessoas com o espaço urbano. Embora ocorra em outros cemitérios da cidade, para este ensaio, direcionamos exclusivamente ao cemitério da *Soledad*, que é conhecido por se situar no centro da cidade e por se constituir como uma importante expressão arquitetônica, além de ser uma pérola da cultura imaterial local. Nele se encontram não só as imponentes esculturas e mausoléus – com tons da arquitetura neoclássica e neogótica – herdados de um dos períodos históricos mais prósperos, a chamada *belle époque*, mas também diversas expressões do imaginário popular. E meio a esses monumentos, no terreno do cemitério, encontramos frondosas e imponentes mangueiras que, junto com a vegetação local, denunciam a presença amazônica na constituição dessa paisagem com tonalidades europeias.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB

A umidade e a opulência solar, tão característica do clima amazônico, fazem dessas esculturas penitentes o arauto do descaso público diante do patrimônio, e sobrevivem – a maior parte do tempo – pela simples solidariedade dos anônimos que frequentam o local. Frente a invisibilidade do Estado este local sobrevive, em grande parte, de doações de pessoas que reformam determinada lápide em sinal de promessa, bancos para a capela, cruzeiros para a disposição de velas e doações para que os túmulos e mausoléus possam ser limpos – sendo a maioria uma contribuição pública, já que destas pessoas que ali jazem, poucos descendentes são reconhecidos vivos – com exceção de algumas famílias. Mesmo em meio a solidariedade o local padece diante da ação do tempo, o mato toma conta do local e as pessoas precisam, cuidadosamente, se equilibrar para acessar aqueles locais mais difíceis, mas isso parece não ser um empecilho, pessoas idosas, com dificuldades de locomoção, se impõem diante desses obstáculos para acender suas velas, realizarem suas orações e oferendas.

Contudo, o grande destaque não está no esplendor arquitetônico – fruto de nosso processo colonial –, ou no descaso imposto pelo poder público, o que desperta a imaginação local é justamente aquilo que não passa pela materialidade. O imaginário local é composto por diversos tipos de manifestações e que se constitui como um importante patrimônio “imaginal” da cidade – para nós ele está além do “imaterial”. Um notório historiador de nossa região compilou as diversas histórias que compunham o imaginário da cidade de Belém e as apresentou em seu livro “Visagens e Assombrações da Cidade de Belém” (MONTEIRO. 1993), nele está contido algumas das narrativas que apresentam as imagens que constituem esse imaginário do cemitério – que perpassam pelos santos populares, os ritos, as orações e as manifestações espirituais. Dentro da teoria de Mircea Eliade o cemitério se constitui como o “centro do mundo”, já que literalmente surge em meio ao “ ‘caos’ da homogeneidade e da relatividade do espaço urbano” (ELIADE. 1992.p.17) e torna um veículo de comunicação entre “os três níveis cósmicos – Terra, Céu e Regiões Inferiores” (IDEM. 1992. p.24), em nosso imaginário as regiões inferiores podem ser compreendidas como o mundo dos “encantados”.

Os doces “Menino Cícero” e “Menino Zezinho”, a poderosa “Raimundinha Picanço” e a benevolente “Preta Domingas” figuram, entre outros, como ilustres habitantes e como um dos mais milagrosos e cultuados santos populares que compõem este local. Placas, velas, novenas, oferendas, fotografias e outros objetos são deixados, em um ritual semanário, em sinal de agradecimento, muitas são as graças alcançadas – o que faz com que diversas pessoas venham peregrinar nessas sepulturas em sinal de

agradecimento ou em tom de súplica –, todos são unânimes em nos contar o poder dessas personalidades. De tom visivelmente sincrético, conjuntamente com as orações são depositadas velas, “santinhos” com orações, placas em sinal de agradecimento, fitas de santos, fotografias, imagens de santos – católicos e das religiões de matriz africanas – e oferendas – como refrigerantes, bombons e pipoca.

Destes santos populares o “Menino Zezinho” – também encontramos no mesmo cemitério outras crianças que se tornaram santos populares, como o Menino Cícero –, em especial, ganha um destaque maior, não só por se situar na entrada do cemitério – que o torna mais visível, inclusive por quem passa pelo lado externo –, mas também por possuir ao lado de sua sepultura uma estátua de um menino, que periodicamente é vestida pelos populares com roupas de crianças. O culto ao “Menino Zezinho” é uma das mais frequentados desse cemitério e é comum as pessoas amarrarem, nesta estátua, fitas bem como depositarem sacos com pipocas, doces e refrigerante, segundo os frequentadores do local este é um dos santos mais poderosos e milagrosos.

Contam os populares que o menino faleceu por volta dos sete anos de idade por pneumonia e ao ser enterrado ele foi colocado de bruços – para alguns ele foi enterrado vivo e teria tido um longo suplício até sua morte – e por isso não teria conseguido alcançar o descanso no mundo espiritual. Assim, nos contam que ele apareceu diversas vezes em sonho para sua mãe e pediu para que ele fosse virado em seu caixão. Após algumas semanas tendo o mesmo sonho a mãe decidiu pedir a abertura de seu caixão para averiguar o ocorrido e encontrou o corpo de seu filho do jeito que ele relatava em sonho. Tendo realizado o seu pedido e começado uma forte corrente de oração, para que sua alma descansasse em paz, diversas pessoas começaram a relatar diferentes milagres que ocorreram em nome do menino, então, a partir disso, começou uma grande devoção a este menino.

O cemitério se constitui como um enclave em meio ao caos urbano, as buzinas dos engarrafamentos caóticos são docemente abafadas pelo canto dos pássaros, pelo som das folhas e dos galhos soprados pelo vento e, principalmente, pela ferocidade das chamas que consomem as centenas de velas espalhadas pelo local. Na entrada do cemitério encontramos um cruzeiro ao qual as pessoas realizam suas orações e dispõem as velas que queimam as centenas e promovem um cheiro e um som peculiar que ajudam a compor a paisagem do local, ao lado das principais sepulturas também encontramos as velas que queimam ao longo do dia. Além do cheiro e do som das velas outros elementos são indispensáveis a esta paisagem, como é comum em grande parte dos cemitérios católicos,

as imagens angélicas estão em todos os cantos e nos sugerem a fragilidade desta tênue linha que separa a vida da morte, algumas destas imagens nos apontam para o céu ou surgem como elementos protetivos que nos recordam a função desses seres celestiais.

Alguns desses anjos aludem a um tom de súplica e de misericórdia, o que nos faz remeter aos grandes temas do cristianismo – a serenidade presente em suas expressões atuam como um tipo de conforto frente a dor da perda –, essas imagens atuam como um tipo de consolo frente ao nosso fatídico destino. Não são meras esculturas de pedras, são aberturas para o sagrado que nos permite perceber que existe algo mais além, que a terra não é o limite. É como “ler o Invisível no visível, a Presença na aparência” (LELOUP. 2006. p. 15)

Portanto, as imagens nesta paisagem não são meros elementos do espetáculo (DEBORD. 1997), ou fatídicos objetos “coisificados”, mas constituem, para aqueles que ali frequentam, um canal de ligação com o sagrado, tanto nas figuras angélicas que constituem o lado arquitetônico, quanto nas fotografias depositadas pelos devotos nas lápides, são imagens que intermediam nossa relação com a transcendência. Aqui em nada nos lembra as imagens soltas e sem referências que lidamos em nosso dia-a-dia secular e racionalizado, em cada canto, em cada gesto, o sagrado nos espreita e nos apresenta o caminho que nos aguarda, é como se elas nos olhassem – Leloup (2006) nos diz que é o ícone que nos olha e não o contrário.

Os mortos tornam-se íntimo dos vivos, as moradas eternas abrem suas portas e se tornam uma espécie de sala de visita onde os vivos adentram e realizam suas orações e oferendas – em algumas tumbas podemos visualizar internamente esta interação. “Santinhos” com orações, velas, espelhos, objetos pessoais e fotografias são os elementos que intermediam esta relação entre os vivos e os mortos e se fazem presente nessas moradas.

Facilmente podemos perceber, em meio aos rituais individuais, uma pequena capela situada no centro do cemitério, castigada pelo tempo e pela invisibilidade pública, onde um padre – que esbanja uma simplicidade visível –, realiza ao longo do dia orações do terço e abençoa as pessoas e seus objetos que passam pelo local. Antes do padre iniciar seus rituais as pessoas o aguardam conversando, ou lendo, em um pequeno banco – doado por populares – situado na entrada da capela, pela forma como ele trata as pessoas, se evidencia uma certa intimidade com os populares.

Aqui as pessoas peregrinam, conversam, se sentam, leem e desfrutam de um ambiente ameno em meio a dinâmica urbana. Tudo parece diferente do que está lá fora,

a velocidade é diferente, a natureza é diferente, nós sentimos que algo nos tornou diferente. É em meio a esta vivência que somos invadidos pelo cheiro das velas que se alastram pelo local e nos fazem lembrar da nossa fatídica e humana fragilidade diante da morte; é indescritível nossa sensação de paz.

Sobre as imagens fotográficas:

Para compor esta paisagem que aqui descrevemos não utilizamos somente o recurso literário, mas também lançamos mão de dois olhares criados a partir da fotografia. Para este nosso projeto é importante que se esclareça que também compreendemos essas imagens como textos, e por isso iremos lhe atribuir um tratamento específico, que aqui iremos esclarecer.

Para entendermos um pouco das fotografias é necessário que façamos um breve parêntese para entendermos um pouco sobre sua autoria e importância para este trabalho. Todas as imagens que aqui estão compondo nosso artigo são de mesma autoria que o texto, no entanto, embora o texto seja escrito em conjunto, as imagens, como é de se esperar, foram captadas de forma individual. Assim, para identificar os autores é necessário percebermos alguns detalhes.

Após a realização das fotografias, na parte da edição das imagens, cada autor deu o seu toque pessoal a elas, o que diz muito sobre o olhar de cada um. No momento em que preparávamos esse texto e selecionaríamos as imagens, que o iriam compor, percebemos que existia uma clara diferenciação entre elas. As imagens de Helio Netto todas foram editadas em preto e branco, enquanto as de Leandro Souza estão coloridas.

Para Helio o preto e branco diz respeito a forma como ele constrói o seu olhar, e como concebe o mundo a partir da variação da escala de cinza, e entende que a poética construída nessa variação de cores contribui para ressaltar as imagens que são evocadas sobre o lugar aqui descrito.

Diferentemente de Helio, Leandro Souza optou por deixar as suas fotografias coloridas e dar o seu toque pessoal as imagens, que dizem também sobre o seu olhar e atribuem personalidade as suas imagens. Suas nuances de cor ganham um destaque mais saturado e atribuem as cores azuis e vermelho uma característica bem peculiar que se evidencia nas imagens. Embora importantes não caberá aqui pormenorizar essas diferenciações de olhares, pois nos estenderíamos demais, todavia, acreditamos que essa diferenciação em relação as cores sejam suficientes para delimitar a autoria das imagens.

Neste texto em especial, optamos por dispor as fotos de uma maneira diferente, não as colocamos ao longo do texto, mas deixamos por dispô-las no final, contudo, isso não diminui o valor que buscamos agregar as imagens, não queremos que elas sejam vistas como um tipo de anexo textual, mas assim optamos com o intuito de buscar uma pausa entre a confluência das imagens literárias e as imagens fotográficas. E ainda que tenhamos a intenção de promover essa pausa, não gostaríamos que elas fossem concebidas de forma descontínua, mas que fossem entendidas como complementares e que as imagens que foram evocadas antes, em tom literário, cresçam e adquiram outros contornos a partir da imagem fotográfica.

Por opção, as imagens fotográficas que iremos dispor não serão acompanhadas de legendas, diante da construção textual, achamos desnecessário utilizar este tipo de recurso, deixaremos o leitor livre para interpretá-las.

A partir de diferentes tipos de imagens buscamos construir uma paisagem específica, que com base em uma perspectiva do imaginário podemos concebê-la como uma paisagem imaginal (CORBIN. 1958), na medida em que buscamos nos introduzir nessa linha tênue que perpassa a noção na nossa experiência de vida e morte.

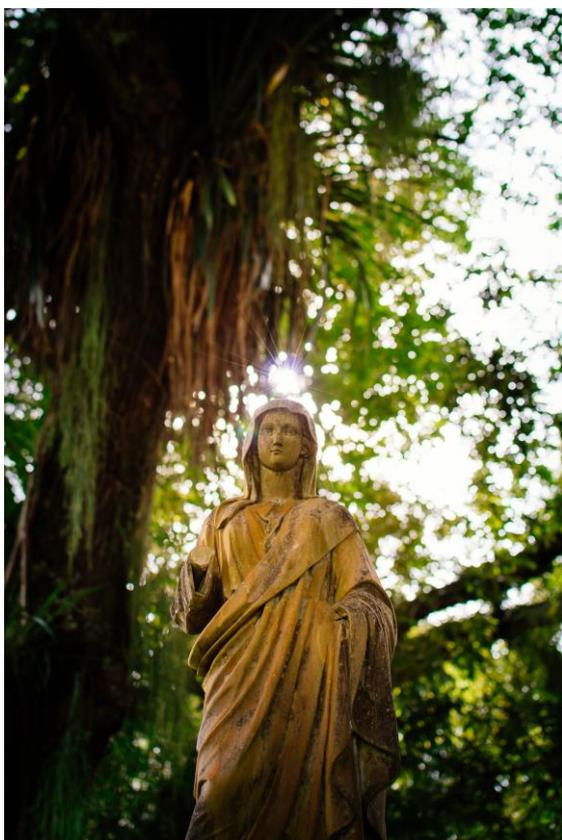


Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5

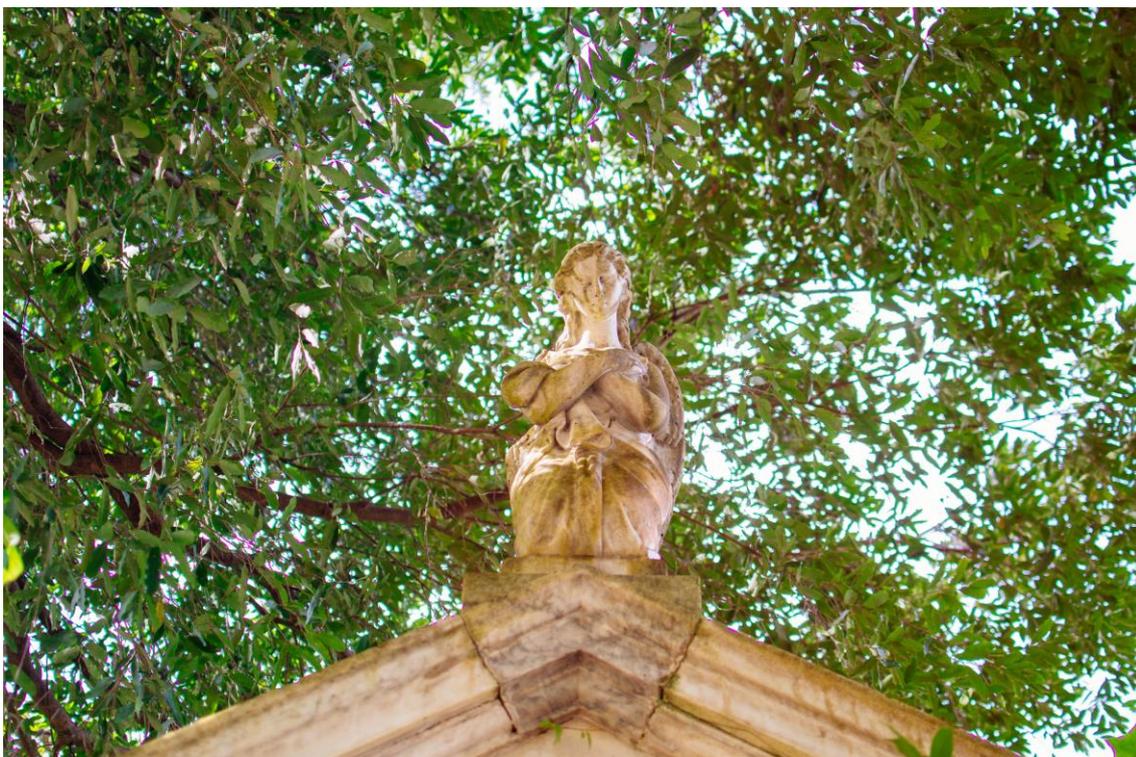


Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10



Imagem 11



Imagem12



Imagem 13



Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16



Imagem 17



Imagem 18



Imagem 19



Imagem 20



Imagem 21



Imagem 22



Imagem 23



Imagem 24

Índice de Imagens:

Fotografias de Helio Netto e Leandro Souza

Obs: A explicação das imagens se encontram ao longo do texto.

Referências:

CORBIN, Henry. L'Imagination Créatrice Dans Le Soufisme D'Ibn'Arabi. Paris. Flammarion, Éditeur. 1958.

_____. El Hombre e su Ángel: iniciación y caballería espiritual. Barcelona. Ediciones Destino, S.A. 1995

DEBORD. Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro. Contraponto. 1997.

DURAND, G. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Lisboa, Presença, 1989.

_____. Situação atual do símbolo e do imaginário. In: A fé do sapateiro. Brasília: Editora UNB, 1995, p. 25-53.

_____. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem / Gilbert Durand; Tradução René Eve Levié. – Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ELIADE, Mircea. A prova do labirinto. Madrid. Edições Cristandade, S. L. 1980.

_____. Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo. Martins Fontes. 1991.

_____. O Sagrado e o Profano. [Tradução Rogério Fernandes]. São Paulo. Martins Fontes. 1992.

LELOUP, Jean-Yves. O ícone: uma escola do olhar / Jean-Yves Leloup; Tradução de Martha Gouveia da Cruz. São Paulo. Editora UNESP. 2006.

MAUES, R. Heraldo. Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém, Cejup, 1995.

MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém. CEJUP. 1993.